

BANCO DO NORDESTE DO BRASIL – BNB  
ESCRITÓRIO TÉCNICO DE ESTUDOS ECONÔMICOS DO NORDESTE – ETENE  
AMBIENTE DE ESTUDOS, PESQUISAS E AVALIAÇÃO – AEPA (\*)  
CÉLULA DE ESTUDOS RURAIS E AGROINDUSTRIAIS – COERG (\*\*)

# INFORME RURAL ETENE

ANO 2, Nº 11 – NOV/2008

## O SEGMENTO DA PESCA EXTRATIVA MARINHA NA COSTA DO NORDESTE<sup>1</sup>

*Maria de Fátima Vidal*

Mestre em Economia Rural e Pesquisadora do  
ETENE

Fone: (85)3299-3234

Fax: (85)3299-3474

[fatimavidal@bnb.gov.br](mailto:fatimavidal@bnb.gov.br)

*Marcos Falcão Gonçalves*

Economista, Especialista em Gestão de Arranjos Produtivos Locais  
Especialista em Economia Financeira e Análise de Investimentos e  
Pesquisador do BNB-ETENE

Fone: (85)3299-3475

Fax: (85)3299-3474

[marcosfalcao@bnb.gov.br](mailto:marcosfalcao@bnb.gov.br)

### 1 – Caracterização do Setor

A pesca na Região Nordeste do Brasil é uma atividade de elevada importância sócio-econômica diante do grande número de postos de trabalhos e renda gerados direta e indiretamente, além da oferta de proteína nobre de origem animal a um grande contingente da população de baixa renda. Diversos municípios litorâneos nordestinos têm a atividade da pesca como principal fonte de renda para sua população.

A atividade pesqueira é classificada, segundo sua finalidade ou categoria econômica, em pesca amadora, de subsistência, artesanal/de pequena escala e empresarial/industrial. É subdividida ainda de acordo com a modalidade em pesca marinha extrativista, pesca continental extrativista, aquíicultura marinha e aquíicultura continental.

---

<sup>1</sup> Os autores agradecem à colaboração do bolsista Antônio Rodrigo Félix Rodrigues na tabulação das tabelas.

---

(\*) Coordenador da AEPA: Biágio de Oliveira Mendes Júnior

(\*\*) Coordenador da COERG: Aírton Saboya Valente Junior

No Nordeste predomina a pesca artesanal extrativista marinha, cuja produção representa 48% do total de pescado na Região, seguida pela pesca extrativista continental com 21%, aquicultura marinha com 20%, e com menor produção a aquicultura continental, cuja participação relativa é de 11%<sup>2</sup>. A pesca artesanal está baseada na unidade familiar, sendo predominante a embarcação de pequeno porte, e, em muitos casos, o pescador não é seu proprietário, destinando parte da produção para pagamento da renda ao armador<sup>3</sup>.

A relação de trabalho entre o dono do barco, o mestre e os tripulantes é informal, sem nenhum contrato assinado. Em geral, o maior percentual é destinado ao proprietário da embarcação, pois, este arca com as despesas da pescaria (rancho, óleo para o motor, gelo, petrechos de pesca e, em alguns casos, adiantamento em dinheiro para que os pescadores deixem com suas famílias) e com as despesas de manutenção da embarcação. Também varia a proporção que cabe a cada tripulante. Na pesca da lagosta com compressor<sup>4</sup>, por exemplo, em geral o mestre e os mergulhadores recebem maior percentual da renda que os mangueireiros<sup>5</sup>.

O setor vive sem nenhum avanço tecnológico significativo, grande parte da frota pesqueira do Nordeste é composta por embarcações velhas de madeira que proporcionam péssimas condições de trabalho, abrigando uma tripulação de 4 a 5 homens por embarcação, não oferecendo condições adequadas para descansar, nem capacidade de levar água suficiente para a higiene e tampouco possuem sanitários. Isso tem desestimulado os filhos dos pescadores a seguir a mesma profissão, conduzindo a um envelhecimento da mão-de-obra.

---

<sup>2</sup> IBAMA. *Estatística da Pesca 2008*. Brasília, IBAMA, 2008.

<sup>3</sup> Dono da embarcação.

<sup>4</sup> O compressor é confeccionado artesanalmente com um botijão de gás que serve como reservatório de ar comprimido, é acoplado ao motor do barco por meio de uma correia. A válvula de segurança do botijão é retirada para que se coloque uma válvula na qual se ajusta uma mangueira, ligada a um filtro, que por sua vez, se ajusta à mangueira que é utilizada pelo mergulhador. O ar produzido é levado por essa mangueira de aproximadamente 300 metros de comprimento, na extremidade da qual é acoplada uma válvula (serve para impedir que entre água na mangueira) e uma boquilha que o mergulhador prende na boca.

<sup>5</sup> O mangueireiro tem função fundamental na pesca com compressor, sendo responsável pelo suprimento de ar aos pescadores, bem como o contato destes com a superfície.

A infra-estrutura de pesca (unidades de beneficiamento, colônias, fábrica de gelo etc.) do Nordeste, com algumas exceções, encontra-se em péssimas condições de funcionamento ou não existe. De uma forma geral, as colônias de pescadores do Estado da Bahia possuem melhor infra-estrutura que os demais estados nordestinos visitados (Ceará e Rio Grande do Norte). Porém, falta organização por parte dos pescadores para viabilizar o funcionamento das unidades. O problema de gestão é recorrente nas colônias de pesca ou associações visitadas. É perceptível o salto na qualidade de vida e das condições de trabalho do pescador quando esta gestão é feita de forma profissional, com a contratação de profissionais capacitados. Outro problema observado no setor é o grande número de pescadores que não são vinculados às colônias, principalmente os mais jovens.

Como era de se esperar, o elo mais fraco da cadeia são os pescadores. Uma forma de melhorar as condições de vida dessas pessoas seria sua organização em cooperativas e associações para possibilitar a eliminação de alguns elos intermediários, mas para isso é necessário capital financeiro e conhecimento de mercado, pois as empresas que já atuam no setor possuem grande poder de mercado.

A pesca empresarial/industrial é mais importante nas regiões Sudeste e Sul do Brasil, sendo dividida em duas subcategorias: a industrial e a desenvolvida por armadores de pesca. Na primeira, os proprietários dos meios de produção não participam de modo direto do processo produtivo. As embarcações são de maior porte e de maior raio de ação, exigindo uma certa divisão de trabalho, mestre, cozinheiro, gelador, maquinista, pescador etc. Exige também algum treinamento formal para determinadas funções, mas não substitui completamente o saber-fazer dos pescadores. A mão-de-obra é remunerada pelo sistema de partes, sendo que para algumas funções pode existir remuneração complementar<sup>6</sup>.

A pesca industrial muitas vezes integra verticalmente a captura, o beneficiamento e a comercialização, no entanto, a redução dos estoques das

---

<sup>6</sup> DIAS NETO, J; FILHO, S.M. Síntese da situação da pesca extrativista marinha no Brasil. IBAMA/DIFAP/SBF/MMA. Brasília. 2003. Disponível em: <[http://www.ibama.gov.br/recursos\\_pesqueiros/index.php/documentos/documentos\\_tecnicos/](http://www.ibama.gov.br/recursos_pesqueiros/index.php/documentos/documentos_tecnicos/)>. Acesso em: 13 mar 2008.

principais espécies de maior valor econômico tem reduzido de forma significativa o número de empresas que atuam nesta modalidade.

A redução dos estoques deve-se principalmente à pressão de pesca nos sistemas costeiros. O livre acesso à entrada de novos participantes na pescaria, possibilitou o crescimento continuado do esforço de pesca no Brasil, culminando com a diminuição nas capturas e, em consequência, no decréscimo na margem de lucro. A prevalência dos interesses imediatos dos benefícios individuais sobre os da coletividade levou à sobrepesca que em alguns casos está próxima de atingir a exaustão.

O esgotamento de estoques mais acessíveis levou ao surgimento e introdução de novas técnicas de pesca, principalmente por parte de empresários oriundos de outros países, através de contratos de arrendamentos de barcos estrangeiros por empresas de pescas nacionais, aumentando ainda mais a pressão de esforço de pesca na costa brasileira. Até o final dos anos 1980, os estoques pesqueiros foram considerados como um recurso econômico. Somente a partir do início dos anos 1990, a gestão desses recursos passou a incorporar princípios ambientais, representando dessa forma uma mudança de paradigma<sup>7</sup>.

É crescente em nível mundial o reconhecimento da necessidade de controlar o esforço de pesca e os meios utilizados para tal, a fim de se garantir a sustentabilidade da atividade da qual depende um grande contingente da população humana em todo o mundo.

Dentre os meios mais comumente utilizados para o reordenamento pesqueiro no Brasil figuram: concessão de licenças de pesca, proibição do uso de petrechos predatórios e definição de período de defeso.

Atualmente, o IBAMA e a Secretaria Especial de Aquicultura e Pesca (SEAP) são responsáveis pelo ordenamento e fiscalização do setor. Até o ano de 1999, os registros de pesca eram de competência do IBAMA. A partir de 2003, com a criação da SEAP, desmembrada do Ministério da Agricultura, Pesca e

---

<sup>7</sup> DIAS NETO, 2008. *op cit*.

Abastecimento (MAPA), esta ficou responsável por todas as atividades vinculadas ao fomento, licenciamento e registro geral da pesca, permanecendo o IBAMA com atividades concernentes a questões ambientais. O fracionamento das responsabilidades para com o setor entre diversas instituições é apontado como fator desfavorável pelos agentes envolvidos na atividade. Outro ponto a ser destacado é a insuficiência da fiscalização para coibir a pesca predatória.

## 2 - Produção

O Nordeste é a região brasileira responsável pelo maior volume total de pescado do país: em 2006 apresentou uma produção de 322.471,0 toneladas, o que representou 30,7% do volume total de pescado nacional (Tabela 1).

Tabela 1 - Produção Total de Pescado Estimada por Ano, Segundo as Regiões e Unidades da Federação

Produção de pescado por ano em (t)									
1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006
<b>732.258,5</b>	<b>710.703,5</b>	<b>744.597,5</b>	<b>846.376,5</b>	<b>939.755,0</b>	<b>1.006.869,0</b>	<b>990.272,0</b>	<b>1.015.914,0</b>	<b>1.008.825,5</b>	<b>1.050.808,5</b>
<b>139.645,0</b>	<b>137.377,0</b>	<b>206.821,5</b>	<b>225.911,0</b>	<b>249.617,0</b>	<b>272.980,0</b>	<b>245.058,0</b>	<b>252.361,0</b>	<b>245.263,5</b>	<b>255.884,0</b>
<b>188.023,5</b>	<b>189.166,5</b>	<b>200.854,0</b>	<b>222.614,5</b>	<b>244.747,0</b>	<b>285.125,5</b>	<b>315.583,5</b>	<b>323.269,5</b>	<b>321.441,5</b>	<b>322.471,0</b>
58.571,5	60.916,5	59.170,0	62.876,5	58.828,0	58.242,5	58.723,0	59.295,0	63.295,0	62.613,5
4.592,5	4.725,5	6.270,0	6.575,0	7.882,5	9.107,0	8.875,5	9.009,5	9.155,0	9.124,5
27.907,0	25.266,0	32.109,0	27.562,0	34.993,0	43.752,5	65.355,5	68.619,0	64.020,5	66.308,0
14.470,0	14.172,5	16.623,5	22.623,0	26.526,0	39.255,0	57.186,0	53.044,5	46.209,0	47.248,5
9.049,0	7.362,0	9.569,5	14.722,5	17.429,5	13.943,0	10.996,5	10.828,5	8.838,5	11.612,0
8.480,5	8.731,0	10.260,5	11.355,0	12.432,0	17.003,0	16.599,0	19.039,5	25.798,5	23.935,5
7.510,0	7.339,0	8.320,5	8.965,5	10.532,0	10.846,5	14.926,0	13.026,5	13.989,0	15.474,5
3.967,5	4.017,0	4.282,0	4.635,0	5.757,5	6.459,5	7.498,0	9.442,5	12.279,5	9.985,0
53.475,5	56.637,0	54.249,0	63.300,0	70.366,5	86.516,5	75.424,0	80.964,5	77.856,5	76.169,5
<b>162.885,5</b>	<b>133.825,5</b>	<b>123.671,0</b>	<b>155.130,0</b>	<b>158.097,0</b>	<b>154.049,0</b>	<b>148.546,5</b>	<b>161.437,5</b>	<b>160.470,0</b>	<b>178.198,5</b>
<b>221.317,0</b>	<b>227.055,0</b>	<b>188.265,5</b>	<b>215.860,0</b>	<b>253.631,0</b>	<b>256.900,5</b>	<b>241.981,0</b>	<b>234.564,0</b>	<b>236.586,0</b>	<b>249.987,5</b>
<b>20.387,5</b>	<b>23.279,5</b>	<b>24.985,5</b>	<b>26.861,0</b>	<b>33.663,0</b>	<b>37.814,0</b>	<b>39.103,0</b>	<b>44.282,0</b>	<b>45.064,5</b>	<b>44.267,5</b>

Fonte: IBAMA, 2008.

Como observado no Gráfico 1, o período de 1999 a 2002 foi marcado por um crescimento acelerado da produção total de pescado no Brasil, resultado do aumento no esforço de pesca. Nesse período, a produção nacional de pescados cresceu a uma taxa média anual de 10,6%, passando de 744.597,5 toneladas para 1.006.869,0 toneladas. O Nordeste brasileiro acompanhou essa trajetória de crescimento, incrementando sua produção numa taxa média de 12,4% a.a. no período. Vale destacar também o crescimento anual de 9,7% da produção de pescado na Região Norte. Esse desempenho, acrescido da estabilidade da produção

pesqueira das demais regiões, fez com que as regiões Nordeste e Norte do Brasil ocupassem, a partir de 2002, a primeira e a segunda colocações, respectivamente, na produção brasileira.

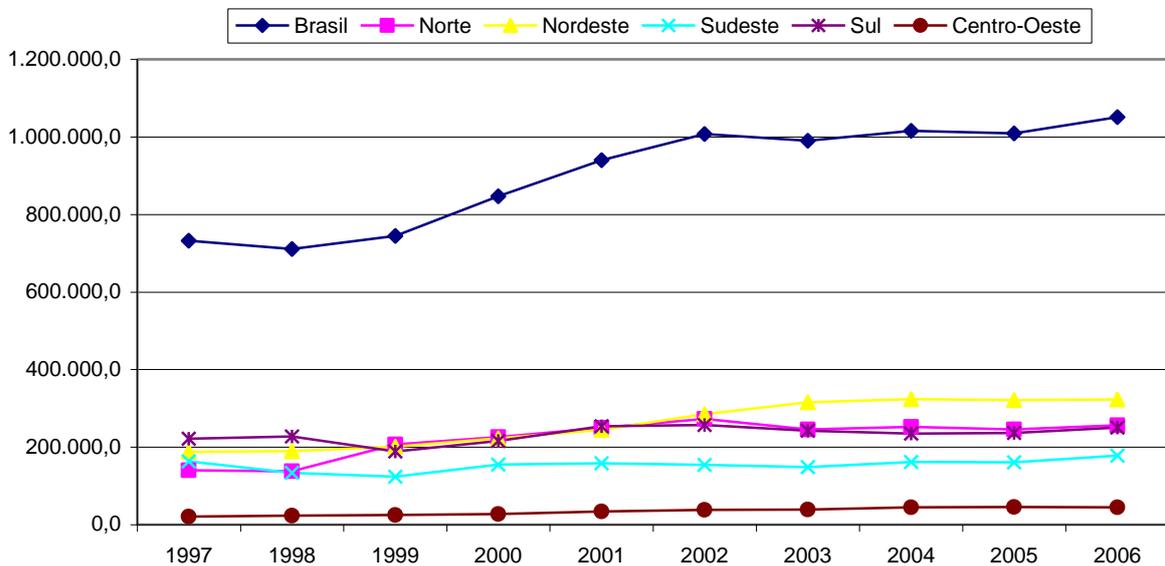


Gráfico 1 - Produção Total de Pescado Estimada por Ano (em ton), Segundo as Regiões Brasileiras - 1997 a 2006

Fonte: IBAMA, 2008.

Entre 2004 e 2006, o ritmo de crescimento da produção é arrefecido, tendendo à estabilidade. O crescimento médio anual brasileiro no período é de 1,1%, enquanto o nordestino é de 3,1% a.a., consolidando essa região como a maior produtora brasileira, representando 30,7% da produção de pescados. Os estados da Bahia, Ceará e Maranhão são os maiores produtores de pescado da Região Nordeste, representando 23,6%, 20,6% e 19,4%, respectivamente, da pesca total da Região em 2006. A trajetória de crescimento do Ceará e Pernambuco apresenta-se mais consistente quando são analisados os dez anos compreendidos no período de 1997 a 2006, crescendo 137,6% e 182,2%, respectivamente. Apesar da instabilidade ao longo do período, marcado por fases de forte crescimento e retração, o Rio Grande do Norte incrementou em 226,5% a sua produção. Maior produtor regional, o Estado da Bahia incrementou em 42,4% do volume pescado entre 1997 e 2006, com diferentes períodos de aumento e queda na produção.

Quanto ao tipo de pesca, a modalidade artesanal representa 94%, em volume, da pesca extrativista marinha no Nordeste, sendo a região onde este segmento possui maior percentual. Em alguns estados como o Maranhão, Piauí, Alagoas, Sergipe e Bahia, o segmento artesanal é responsável por todo o volume de pesca extrativista marinha. A pesca industrial na Região tem maior expressão apenas nos estados do Rio Grande do Norte e Paraíba (Tabela 2), onde está representada 32,7% e 30,0%, respectivamente, sendo os principais produtores nordestinos de atum, cação e espadarte.

**Tabela 2 – Produção Estimada e Participação Relativa da Pesca Extrativa Marinha Industrial e Artesanal por Região e Estados do Nordeste, 2006**

Regiões e estados nordestinos	Pesca extrativista Marinha				
	Industrial (t)	(%)	Artesanal (t)	(%)	Total (t)
<b>Brasil</b>	<b>271.410,0</b>	<b>51,4</b>	<b>256.461,5</b>	<b>48,6</b>	<b>527.871,5</b>
<b>Norte</b>	<b>32.927,0</b>	<b>38,5</b>	<b>52.676,0</b>	<b>61,5</b>	<b>85.603,0</b>
<b>Nordeste</b>	<b>9.142,5</b>	<b>5,9</b>	<b>146.019,5</b>	<b>94,1</b>	<b>155.162,0</b>
Maranhão	-	-	39.652,0	100,0	39.652,0
Piauí	-	-	3.191,0	100,0	3.191,0
Ceará	1.002,5	6,1	15.549,5	93,9	16.552,0
Rio Grande do Norte	5.529,5	32,7	11.388,0	67,3	16.917,5
Paraíba	1.921,5	30,0	4.485,0	70,0	6.406,5
Pernambuco	689,0	4,7	13.999,5	95,3	14.688,5
Alagoas	-	-	10.312,0	100,0	10.312,0
Sergipe	-	-	4.353,5	100,0	4.353,5
Bahia	-	-	43.089,0	100,0	43.089,0
<b>Sudeste</b>	<b>80.685,5</b>	<b>67,9</b>	<b>38.171,5</b>	<b>32,1</b>	<b>118.857,0</b>
<b>Sul</b>	<b>148.655,0</b>	<b>88,4</b>	<b>19.594,5</b>	<b>11,6</b>	<b>168.249,5</b>

Fonte: IBAMA, 2008.

Grande parte da produção nordestina é de peixe, o que representa 76,3% do volume total de pescado da Região. Os crustáceos (lagosta, caranguejo e camarão) possuem uma participação percentual de 17,5%, concentrando-se nessa Região a maior produção de crustáceos do Brasil, capitaneada pela expressiva produção de lagosta (CE) e camarão (BA e MA) (Tabela 03).

Tabela 3 - Produção Estimada e Participação Relativa da Pesca Extrativa Marinha, Segundo as Regiões e Estados Selecionados, 2006

	Peixe (a)	%(a/d)	Crustáceos				%(b/d)	Moluscos (c)	%(c/d)	Total (d)
			Lagosta	Camarão	Outros	Total (b)				
<b>Brasil</b>	<b>458.068,0</b>	<b>86,8</b>	<b>6.724,0</b>	<b>38.505,5</b>	<b>11.073,5</b>	<b>56.303,0</b>	<b>10,7</b>	<b>13.500,5</b>	<b>2,6</b>	<b>527.871,5</b>
<b>Norte</b>	<b>72.332,5</b>	<b>84,5</b>	<b>1.433,0</b>	<b>7.703,5</b>	<b>3.756,0</b>	<b>12.892,5</b>	<b>15,1</b>	<b>378,0</b>	<b>0,4</b>	<b>85.603,0</b>
<b>Nordeste</b>	<b>118.440,5</b>	<b>76,3</b>	<b>4.628,0</b>	<b>16.392,0</b>	<b>6.065,0</b>	<b>27.085,0</b>	<b>17,5</b>	<b>9.636,5</b>	<b>6,2</b>	<b>155.162,0</b>
Maranhão	32.188,0	81,2	0,5	5.212,0	1.168,0	6.380,5	16,1	1.083,5	2,7	39.652,0
Piauí	1.788,0	56,0	99,0	142,5	1.066,5	1.308,0	41,0	95,0	3,0	3.191,0
Ceará	14.034,0	84,8	1.907,5	607,0	-	2.514,5	15,2	3,5	0,0	16.552,0
Rio Grande do Norte	15.120,5	89,4	943,5	259,0	116,0	1.318,5	7,8	478,5	2,8	16.917,5
Paraíba	3.233,5	50,5	380,0	71,5	533,5	985,0	15,4	2.188,0	34,2	6.406,5
Pernambuco	8.398,0	57,2	366,0	489,5	1.205,5	2.061,0	14,0	4.229,5	28,8	14.688,5
Alagoas	7.736,0	75,0	77,5	1.642,5	224,5	1.944,5	18,9	631,5	6,1	10.312,0
Sergipe	2.527,0	58,0	-	1.195,0	366,5	1.561,5	35,9	265,0	6,1	4.353,5
Bahia	33.415,5	77,5	854,0	6.773,0	1.384,5	9.011,5	20,9	662,0	1,5	43.089,0
<b>Sudeste</b>	<b>110.098,0</b>	<b>92,6</b>	<b>646,5</b>	<b>4.923,0</b>	<b>764,5</b>	<b>6.334,0</b>	<b>5,3</b>	<b>2.425,0</b>	<b>2,0</b>	<b>118.857,0</b>
<b>Sul</b>	<b>157.197,0</b>	<b>93,4</b>	<b>16,5</b>	<b>9.487,0</b>	<b>488,0</b>	<b>9.991,5</b>	<b>5,9</b>	<b>1.061,0</b>	<b>0,6</b>	<b>168.249,5</b>

Fonte: IBAMA, 2008.

Na composição intra-estadual, a produção de crustáceos se sobressai no Piauí (com predomínio do caranguejo) e Sergipe (devido ao camarão-sete-barbas), 41,0 e 36,0% respectivamente. Os moluscos têm produção relativa expressiva na Paraíba e Pernambuco, 34,1 e 28,8% respectivamente.

No entanto, em termos econômicos a lagosta é o principal recurso pesqueiro do Nordeste. As principais espécies capturadas na costa brasileira são: lagosta vermelha (*Panulirus argus*); lagosta verde (*Panulirus laevicauda*); lagosta pintada (*Panulirus echinatus*) e lagosta sapateira (*Scyllarides brasiliensis* e *Scyllarides delfoisi*)<sup>8</sup>, sendo que as espécies de maior importância econômica são a vermelha e a cabo-verde. As lagostas do gênero *Panulirus* são encontradas em regiões tropicais e subtropicais. Os principais produtores mundiais são: Austrália, Nova Zelândia, África do Sul, Cuba, Brasil, México e Estados Unidos<sup>9</sup>.

No entanto, a lagosta encontra-se em elevado nível de sobrepesca<sup>10</sup>. A produtividade atual representa cerca de 10% do volume pescado em relação à década de 1960<sup>11</sup>, o que provocou queda na receita em todos os elos da cadeia produtiva e a saída do setor empresarial do segmento de captura que é o de maior

<sup>8</sup> DIAS NETO, 2008. *op cit*

MELLO, R. J. F.B. O retorno da sustentabilidade na pesca de lagosta no Brasil. Disponível em : [http://www.ibama.gov.br/novo\\_ibama/paginas/materia.php?id\\_arg=5357](http://www.ibama.gov.br/novo_ibama/paginas/materia.php?id_arg=5357). Acesso em: 08 jul 2008.

<sup>9</sup> IGARASHI, M. A. Sinopse da Situação Atual, perspectivas e Condições de Cultivo para Lagostas Palinuridae. *Ciência Animal Brasileira*, v:8, n:2, p. 151-166, abr./jun. 2007

<sup>10</sup> Sobrepesca - situação em que a atividade pesqueira duma espécie ou numa região deixa de ser sustentável, ou seja, quanto mais esforço de pesca se utilizar, menores serão os rendimentos, seja do ponto de vista biológico, seja do econômico (WIKIPÉDIA. *Sobrepesca*. Disponível em: <<http://www.wikipedia.com>>. Acesso em: 05.nov.2008).

<sup>11</sup> (MELLO, 2008). *Op cit*

risco, além disso, várias plantas de processamento e exportação encerraram suas atividades.

A pesca da lagosta é realizada atualmente por embarcações de médio e pequeno portes. As grandes embarcações tornaram-se economicamente desvantajosas com a redução dos estoques, que elevou os custos de produção e reduziu a margem de lucro. Segundo o IBAMA e SEAP, atualmente não existe nenhum barco industrial atuando nessa atividade no Nordeste.

### 3 – Cenário Mercadológico

O mercado interno é suprido quase que totalmente pela pesca artesanal, que, como visto, representa 94,1% da produção nordestina. Conforme observado no Gráfico 2, a importação de pescado na Região Nordeste representa apenas 7,7% do seu consumo aparente na média de 1999 a 2006.

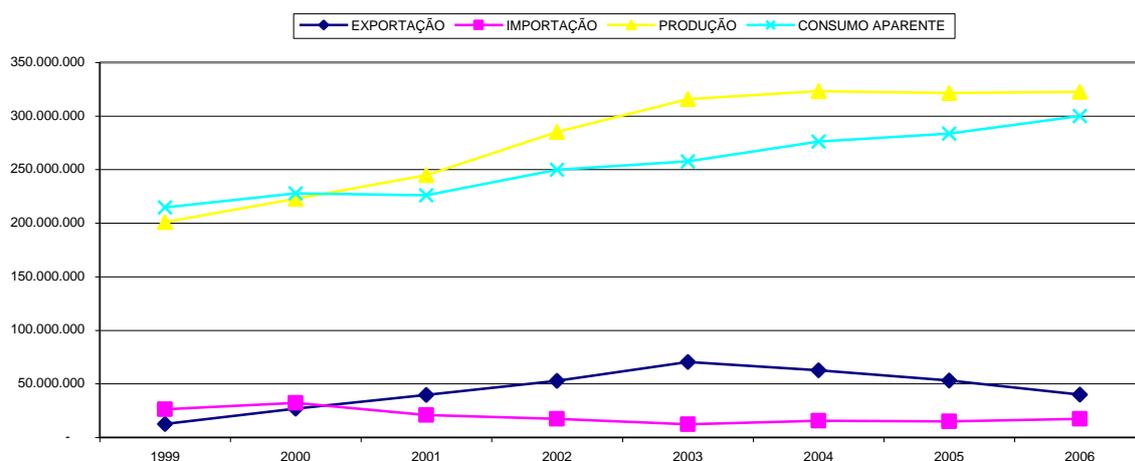
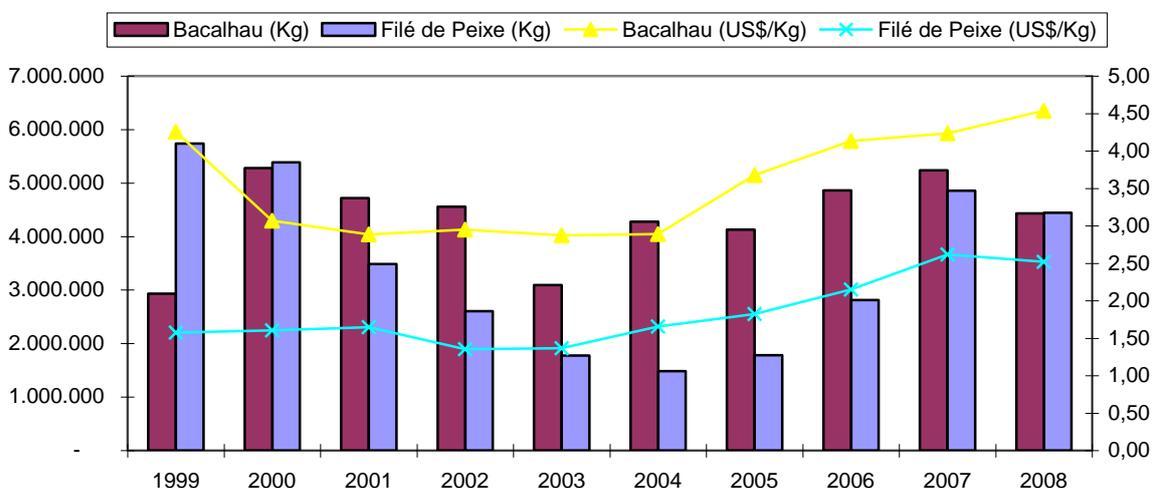


Gráfico 2 - Produção, Importação, Exportação e Consumo Aparente de Pescado no Nordeste do Brasil, 1999 a 2006, em Volume (Kg)

Fonte: SECEX, 2008<sup>12</sup>; IBAMA, 2008.

Ao aprofundar a análise da pauta de importação nordestina de pescados, observa-se a concentração em produtos nobres, sendo que apenas dois pescados, bacalhau e filé de peixe, representam 37,5% da média total de pescados importados no período. Em valor, esse percentual se eleva para 57,7%. Em se

tratando de bens de luxo, consumidos pelas classes sociais mais elevadas, o volume importado desses dois produtos independe dos preços praticados, conforme verificado no **Gráfico 3**.



**Gráfico 3. Importação de Bacalhau e Filé de Peixe pelo Nordeste, 1999 a 2008\***

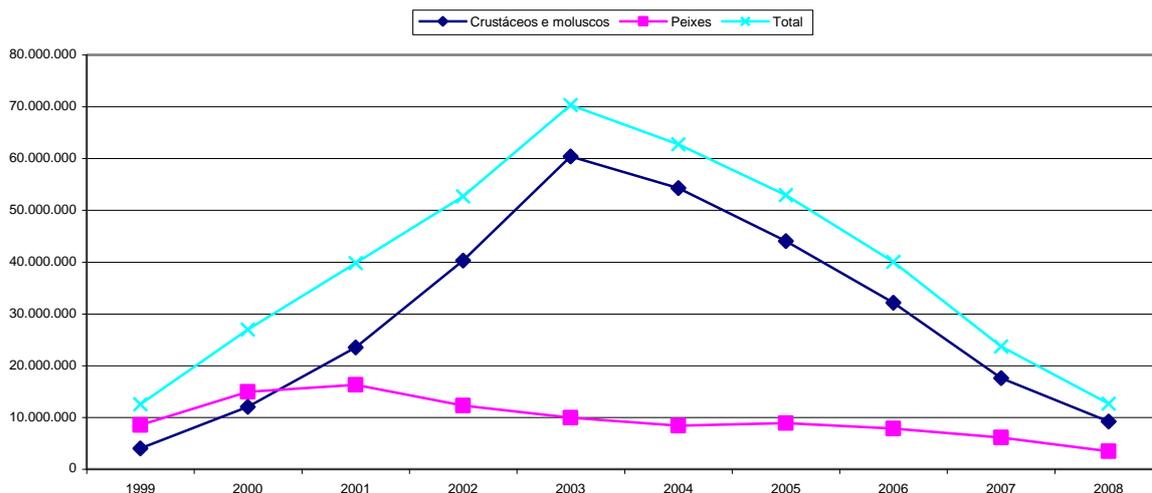
Fonte: SECEX, 2008. \*Até setembro.

Entretanto, os canais de comercialização do segmento artesanal são inadequados: os produtores são fortemente dependentes dos atravessadores que também financiam a produção na forma de adiantamento em dinheiro, concessão de crédito nos pontos de abastecimento de rancho, gelo e combustível ou nas casas de materiais de pesca. Existe uma rede de intermediação, que vai do atravessador individual, que geralmente é uma pessoa da comunidade especializada na compra e venda do produto, até os representantes das empresas. Quando a pesca não é suficiente para pagar os custos, situação que ocorre com certa frequência, surgem as dívidas. A produção geralmente é comercializada pelo dono da embarcação, mas em algumas regiões existem outros tipos de atravessadores que atuam no mercado paralelo, tentando negociar diretamente com os pescadores, situação em que esses últimos separam uma parte da pesca e vendem diretamente ao atravessador, quebrando dessa forma a relação de confiança entre o dono do barco e tripulantes.

<sup>12</sup> SECEX. MDIC. Disponível em: <<http://www.desenvolvimento.gov.br>>. Acesso em: 05 nov. 2008.

O mercado para produtos de maior valor agregado tem características de oligopsonia, onde os atravessadores repassam a produção para um pequeno número de empresas que atuam nos mercados interno e externo, formadoras de preço, dado o grande poder de mercado. É comum a atuação dessas empresas também na atividade direta da pesca com barcos próprios e arrendados, verticalizando a produção. O pescado de menor valor agregado é distribuído localmente em feiras, mercados de peixes, pequenos varejos, supermercados, em domicílio, dentre outras formas.

Com relação ao mercado externo, observa-se que as exportações brasileiras de pescados apresentaram um expressivo crescimento médio anual de 53,9% (Gráfico 4), impulsionado pela desvalorização do Real frente ao Dólar, fato que também acarretou um aumento no esforço de pesca no período, como já demonstrado. A partir de então, a exportação brasileira de pescado sofre uma desaceleração anual média no período de 2003 a 2007 de 23,8%, impactada pelo movimento oposto ao período anterior, agora com a valorização da moeda nacional. Essa produção excedente foi redirecionada para o mercado interno, beneficiado com a expansão da renda média do brasileiro, levando a um crescimento do consumo aparente médio no período de 2003 a 2006 de 5,2%, conforme verificado no Gráfico 2.

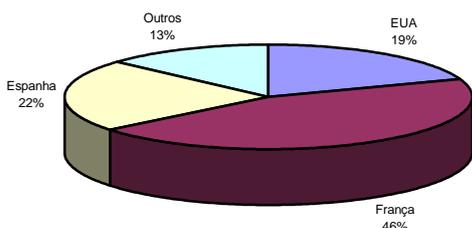


**Gráfico 4 - Principais Produtos Pesqueiros Exportados no Nordeste, em Kg, 1999 a 2008\***

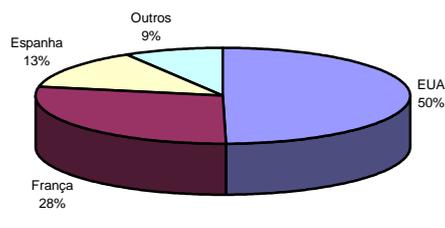
Fonte: SECEX, 2008. \* Até setembro.

Dentre os principais pescados exportados pelo Nordeste, destacam-se o camarão e a lagosta. Em termos de volume, o primeiro representa 70,0% do total exportado, enquanto o segundo 5,5%, na média de 1999 a 2008. Quando se considera o valor médio transacionado no período, estes representam 56,3% e 32,6%, respectivamente.

Os principais mercados importadores de produtos pesqueiros nordestinos são EUA, França e Espanha responsáveis por 86,5% do volume e 91,4% do valor total das exportações nordestinas em 2007 (Gráficos 5 e 6). O Nordeste exportou para 17 países em 2007, sendo os EUA o maior importador em termos de valor (50,0%), enquanto que a França respondeu por 45,8% do volume total exportado pela Região.



**Gráfico 5 - Principais Mercados Importadores de Produtos Pesqueiros no Nordeste, em volume, 2007**



**Gráfico 6 - Principais Mercados Importadores de Produtos Pesqueiros do Nordeste, em valor, 2007**

No ano de 2007 a receita das exportações da lagosta foi maior que no ano de 2006, no entanto, em 2008 o preço no mercado internacional caiu vertiginosamente. Em 2007 a safra foi encerrada ao preço de R\$ 70,0 a 72,0/kg, em 2008 reabriu ao preço de R\$ 40,0/kg, muito em virtude da queda do preço no mercado americano. De uma forma geral a queda da cotação da lagosta brasileira no mercado externo se deve à baixa qualidade do produto. Em 2007 a lagosta brasileira era considerada a penúltima em termos de qualidade no mercado internacional, em 2008 foi considerada a de pior qualidade no mundo.

Com relação aos peixes, observou-se que ocorreu grande redução nas exportações de atuns, produto de alto valor agregado, correspondente a 52,0% na quantidade e 36,1% no valor entre 2006 e 2007. Por outro lado houve crescimento significativo nas exportações de filés de peixe, principalmente de filés de peixe congelados ou secos que foi de 90,0% no valor e 26,3% na quantidade.

No cenário de crise econômica internacional deflagrado a partir de junho/2008, a desvalorização do Real frente ao Dólar norte-americano tenderia a favorecer as exportações do produto brasileiro, revertendo o cenário observado a partir de 2003 com queda constante e acentuada das exportações e tímido crescimento das importações. Porém, há de se observar a redução da liquidez internacional, em especial nos principais países importadores de pescado brasileiro, fortemente afetados com a crise, em ritmo de recessão econômica. Nesse contexto, estima-se uma manutenção do atual nível de comércio externo brasileiro de pescado, com o saldo da balança próximo do equilíbrio.

Os principais fornecedores de pescados ao Nordeste, em 2007, foram Noruega, Argentina e Chile com uma participação conjunta de 68,8% do volume e 78,5% do valor nas compras globais de produtos pesqueiros da Região, no exterior, em um universo de 19 países (Gráficos 7 e 8).

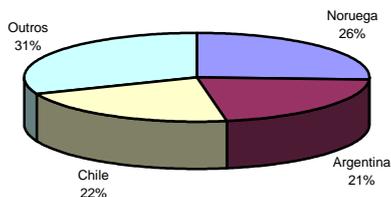


Gráfico 07 - Principais Fornecedores de Pescado ao Nordeste, em Volume, 2007

Fonte: SECEX, 2008.

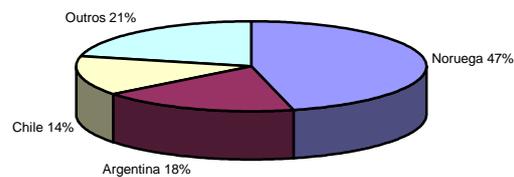


Gráfico 08 - Principais Fornecedores de Pescado ao Nordeste, em Volume, 2007

Fonte: SECEX, 2008.

Os dados do SECEX evidenciam que, em 2007, houve um crescimento na participação dos principais fornecedores de pescado ao Brasil em relação a 2006. No entanto, em termos absolutos, a quantidade e o valor dos produtos pesqueiros importados tiveram uma redução de 40,8% na quantidade e 21,9% no valor total importado pelo Nordeste. Entre os principais fornecedores a Espanha apresentou a maior redução no volume exportado para o Nordeste correspondente a 64,5%. Em termos de valor, a diminuição também foi bastante expressiva, de 55,9%. Os EUA apesar de ter reduzido o volume das exportações em 20,2%, houve pequena redução em termos de valor 2,5%, evidenciando uma elevação no preço dos produtos. A França reduziu o volume de suas exportações em 28,3%; o valor caiu em 18,5%.

#### 4 - Considerações Finais

O acentuado incremento na exportação de pescados brasileiras no período de 1999 a 2003, aliado ao aumento do consumo aparente no período 2003-2006, elevaram o aumento no esforço de pesca, ocasionando a redução nos estoques. Essa redução deve-se à captura de animais jovens, à pesca na época do defeso, o que limita a reprodução das espécies, e a utilização de técnicas predatórias juntamente com o crescente esforço de pesca e a insuficiência das medidas de gestão. Apesar da melhoria no nível de conscientização em relação à pesca predatória, o apelo econômico ainda é bastante elevado, levando o pescador a praticá-la. O Nordeste brasileiro sofre ainda o agravante de, dado o caráter tropical de suas águas,

propiciar uma diversidade de espécies, porém um reduzido estoque individual (em antítese à situação do litoral sul brasileiro, onde as águas temperadas fornecem uma baixa variedade de espécies, porém um elevado estoque individual).

Embora ainda existam perspectivas de aumento da produção nacional da pesca extrativa, não há indícios da existência de novos estoques pesqueiros de grande magnitude na zona costeira. O incremento da produção nacional será possível através da implementação de medidas de gestão para recuperação dos recursos que se encontram em sobrepesca, ou ainda da implementação de medidas que possibilitem ampliação da pesca oceânica.

Dada a tendência de retração na produção de pescado na costa nordestina, visto que já se instalou um quadro de sobrepesca da maioria dos estoques explorados, sugere-se que os incentivos à implementação da captura nessa região sejam evitados, pois, além de comprometer a capacidade de pagamento, vai agravar o problema ambiental. Deve-se verificar o efeito da redução dos estoques na capacidade de pagamento deste público:

Com relação ao papel do BNB para o desenvolvimento do setor, sugere-se: i) o financiamento de atividades alternativas à pesca sobre recursos já sabidamente super explorados; ii) financiamento de infra-estrutura para beneficiamento de pescados, que *in natura* possuem baixo valor de mercado, a fim de maximizar o aproveitamento da produção, a exemplo da sardinha ou a maricultura enquanto atividade alternativa, como cultivo de algas, ostras e mexilhões. No entanto, observar que é imprescindível o envolvimento de outras instituições parceiras para viabilizar a organização dos produtores, gestão e comercialização da produção já que os pequenos pescadores não possuem conhecimento de mercado nem meios para escoar a produção. Uma parceria com a SEAP seria muito proveitosa, visto que esta instituição conhece bem o setor e já possui linhas de atuação em andamento para o seu desenvolvimento. Nesse contexto, sempre que possível, tentar vincular o financiamento aos programas da SEAP, a exemplo do cultivo de algas e

diversificação da maricultura que faz parte do projeto Desenvolvimento de Comunidades Costeiras desta Secretaria.

O BNB pode apoiar o setor também por meio de financiamento de pesquisas científicas e difusão de tecnologias. Em termos de pesquisa, é importante verificar o impacto da pesca artesanal na pressão de pesca; determinar o real estoque dos recursos pesqueiros; desenvolver tecnologias para criação/cultivo de organismos marinhos como meios de geração de renda e efeitos das mudanças climáticas sobre a pesca na Região Nordeste. Com relação à difusão, é importante destacar: tecnologias de pesca seletiva; diminuição do descarte; sistema de conservação e distribuição do pescado e métodos de manejo dos estoques a exemplo da delimitação de zonas de exclusão de pesca e a construção de recifes artificiais.

São apontados ainda como desafios para a atividade: i) organização dos pescadores; ii) formatação e consolidação dos pólos de pesca; iii) estruturação da rede de comercialização; iv) transferência de novas tecnologias de pesca; v) difusão de assistência técnica e extensão pesqueira; vi) integração das instituições governamentais e não governamentais ligadas à pesca, meio ambiente e de fiscalização; vii) construção de terminais pesqueiros em área com potencial produtivo<sup>13</sup>; viii) promoção da diversificação das fontes de renda das comunidades que dependem da pesca, principalmente da lagosta (podem ser apontados como alternativas o cultivo de ostra, mexilhão e algas); ix) viabilização da conservação e beneficiamento do pescado para a minimização das perdas; x) dotar os órgãos de fiscalização de infra-estrutura com vistas a intensificar os trabalhos de fiscalização e assim inibir a pesca predatória; xi) capacitar técnicos das EMATER's para elaboração de projetos pesqueiros; xii) implementar uma política universalizada de monitoramento ambiental e de crédito compatível com as necessidades do setor; xiii) recuperação dos ambientes costeiros e estuarinos.

---

<sup>13</sup> FILHO, A.M. Panorama da pesca e da aquíicultura no estado da Bahia. Disponível em: <<http://www.pecnordeste.com.br/aquipisca.php>>. Acesso em: 13 mar 2008.

Vale salientar que só é possível a implementação das políticas necessárias para reverter o quadro que se apresenta por meio da coordenação de um grande número de agentes.

Para consulta aos demais números do *Informe Rural ETENE*, clicar sobre o título desejado pressionando CTRL:

#### ANO 2 – 2008

Nº1 Jan 2008 – O Mercado de Derivados de Cana-de-Açúcar:

[http://d001wvv06/cenetene/projconjecon/contendo/abreDocs.asp?cd\\_doc=666](http://d001wvv06/cenetene/projconjecon/contendo/abreDocs.asp?cd_doc=666)

Nº2 Fev 2008 – Cultivo de Tilápia no Brasil: Origens e Cenário Atual:

[http://d001wvv06/cenetene/projconjecon/contendo/abreDocs.asp?cd\\_doc=672](http://d001wvv06/cenetene/projconjecon/contendo/abreDocs.asp?cd_doc=672)

Nº3 Mar 2008 – Cenários e Perspectivas 2008 – Setor Agropecuário:

[http://d001wvv06/cenetene/projconjecon/contendo/abreDocs.asp?cd\\_doc=676](http://d001wvv06/cenetene/projconjecon/contendo/abreDocs.asp?cd_doc=676)

Nº4 Abr 2008 – A Fruticultura no Nordeste e o Câmbio – Considerações:

[http://d001wvv06/cenetene/projconjecon/contendo/abreDocs.asp?cd\\_doc=678](http://d001wvv06/cenetene/projconjecon/contendo/abreDocs.asp?cd_doc=678)

Nº5 Mai 2008 – Programa Nacional de Produção e Uso do Biodiesel: Alternativas de

Matéria-Prima:

[http://d001wvv06/cenetene/projconjecon/contendo/abreDocs.asp?cd\\_doc=681](http://d001wvv06/cenetene/projconjecon/contendo/abreDocs.asp?cd_doc=681)

Nº6 Jun 2008 – A Agroindústria de Alimentos Derivados de Cacau na Área de Atuação do BNB:

[http://d001wvv06/cenetene/projconjecon/contendo/abreDocs.asp?cd\\_doc=685](http://d001wvv06/cenetene/projconjecon/contendo/abreDocs.asp?cd_doc=685)

Nº7 Jul 2008 – Perfil da Agroindústria no Nordeste:

[http://d001wvv06/cenetene/projconjecon/contendo/abreDocs.asp?cd\\_doc=686](http://d001wvv06/cenetene/projconjecon/contendo/abreDocs.asp?cd_doc=686)

Nº8 Ago 2008 – O Mercado da Uva e do Vinho no Brasil: Problemas com Câmbio e Importações:

[http://d001wvv06/cenetene/projconjecon/contendo/abreDocs.asp?cd\\_doc=689](http://d001wvv06/cenetene/projconjecon/contendo/abreDocs.asp?cd_doc=689)

Nº9 Set 2008 – A Expansão do Setor Florestal no Brasil: O Papel do BNB no Financiamento à Produção e à Pesquisa:

<http://d001wvv06/cenetene/projconjecon/docs/702191108.pdf>

Nº10 Out 2008 – Panorama Atual da Caprino-Ovinocultura Nordestina:

<http://d001wvv06/cenetene/projconjecon/docs/703081208.pdf>